

TIMOR: UMA QUESTÃO VIVA

Por ANTÔNIO DIAS, presidente da Associação Agir por Timor

Após 15 anos de guerra, o mundo ainda não viu os rostos dos resistentes timorenses, mas eu tenho confiança em que a situação se modificará em breve. Timor merece o apoio do mundo. Isolados, sem qualquer ajuda externa, sofrendo, os timorenses são um exemplo de heroísmo e de dificuldade nacional.

Eles não são malucos ao manterem esta luta, como o não são aqueles que no exterior lhe dão eco. Eles lutam porque se não o fazem serão exterminados pelos indonésios. Eles lutam porque querem ser livres de escolher o seu próprio destino e fazem-no em nome de princípios morais e políticos que constituem os valores essenciais do direito humano e nacional. Foi para mostrar as razões desta resistência que escrevi o livro «Timor — Terra Sangrenta».

Neste excerto, um pouco do que exprimeu Jill Jolliffe durante um dos diversos debates e encontros em que participou em Paris, de 13 a 20 de Março último, a convite da Associação Agir por Timor.

Australiana, foi em Timor mesmo, no ano de 1975, que esta iniciou a sua carreira de jornalista, facto que faz dela, também, uma testemunha dos acontecimentos que se desenrolaram em Timor, particular-

versos jornais de língua inglesa (The Guardian, The Toronto Globe and Mail, The Age, The Canberra Times). Jill Jolliffe tem mantido ao longo dos anos um contacto permanente com os timorenses refugiados em Lisboa, o que lhe permite obter testemunhos de primeira mão. Escritora, ela publicou em 1978 um primeiro trabalho na Austrália sobre Timor Leste («East Timor: Nationalism and Colonialism») e em Maio de 1989, na editora «O Jornal», «Timor — Terra Sangrenta».

■ O LIVRO

Relato histórico da «descolonização abortada de Timor Leste» onde é longamente analisado o papel de Portugal e exposta a controvérsia dos encontros secretos entre representantes dos governos português e indonésio, o livro fornece uma análise detalhada e original da situação interna de Timor, do ambiente, personagens e con-



são dedicados ao pós-invasão, conjunto de documentos da Resistência Timorense, cartas e testemunhos directos que permitem ao leitor tomar conhecimento de um período da história recente de Timor extremamente mal conhecido. Como exemplo, esta carta do actual administra-

Eles pensaram em arrumar o assunto até finais de Dezembro de 1983, mas já vamos em Fevereiro e o resultado da operação militar não se vê. Começaram a mobilizar de novo as populações civis nos Kabupatens de Covalima, Ainaro, Same, Manatuto, Baucau e Viqueque. Ficamos admirados como neste país, com tantos batalhões, helicópteros, tanques e aviões-bombardeiros, ainda precisam do apoio do rayat. E lá vão os homens armados de azagaia e catanas, deixando várzeas e hortas. É uma miséria, monsenhor! A Cruz Vermelha não entra nas prisões, nem eu posso celebrar eucaristia para os delitos da Komarka.

Em Muapitini (Lospalos) e Iliomar, houve julgamentos populares, isto é, os implicados com os contactos com o mato foram assassinados diante do povo, à facada, catanada é à paulada, e pelos próprios familiares... E o Bapak ri-se de contente, esfregando as mãos, e dizendo que não tem culpa... É uma situação macabra que estamos a viver. Isto é mais ou menos uma imagem pálida do que estamos a viver. Peço ao monsenhor para continuar a rezar por nós, e faça um apelo ao mundo livre para abrir os olhos perante as barbaridades de que são capazes os indonésios. A Igreja é perseguida e acusada e as nossas escolas são revistadas e os alunos interrogados. A residência dos padres Salesianos de Baucau foi «selvaticamente» revistada pelos Nangallas. Bom, monsenhor, espero que esta carta lhe chegue às mãos. Sem mais nada de especial a comunicar, apenas peço para velar pelos nossos interesses económicos na Metrópole e para convencer os sacerdotes que por aí se encontrem a regressarem a Timor.

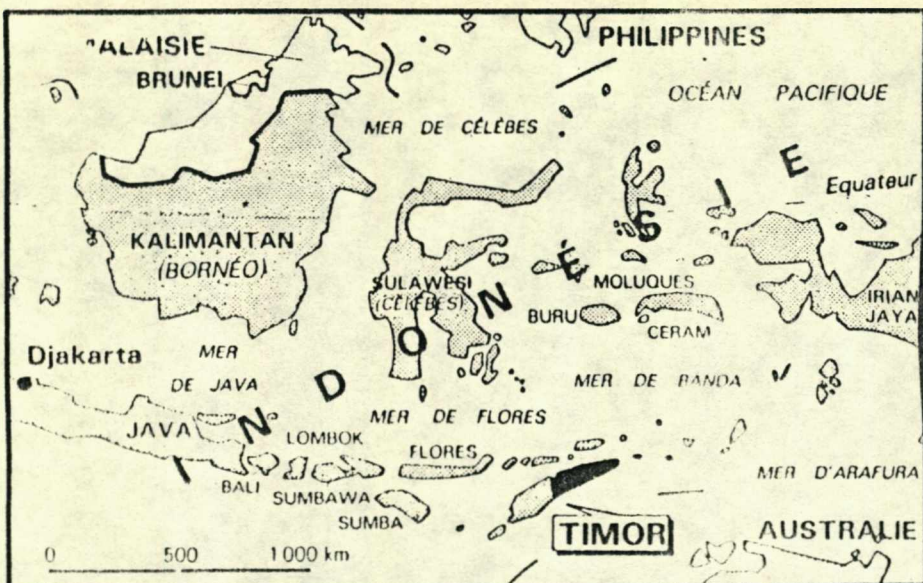
Unidos no Senhor, o servo sempre ao dispor.

Carlos Filipe X. Belo
Administrador Apostólico

■ UMA QUESTÃO VIVA

No prefácio do seu livro, a autora espera que este «possa corrigir» o ponto de vista de «muitas

sésios mortos», Jill Jolliffe apontou ainda o papel que as comunidades portuguesas no mundo podem ter, citando como exemplo a alargar a tomada de posição da Assembleia das Comunidades Portuguesas na Europa, que em Março último «decidiu» por unani-



mente entre os meses de Agosto de 1975 até à data da invasão do território pelas forças armadas indonésias. Jill Jolliffe foi a última profissional da informação a sair viva de Timor. Em Outubro de 1975, durante uma incursão militar indonésia, cinco jornalistas estrangeiros foram assassinados após terem sido capturados pelos militares indonésios e, no próprio dia da invasão (7 de Dezembro 1975), Roger East, um freelancer australiano foi executado no cais de Dili. «O jornalista resistia com força e cuspiu nos três soldados que o levavam. Gritava com eles. Tinha as mãos atadas atrás das costas com arame e os indonésios davam-lhe pontapés e batiam-lhe com as espingardas...» — testemunho de Pedro Lai.

Correspondente em Portugal, desde 1979, de di-

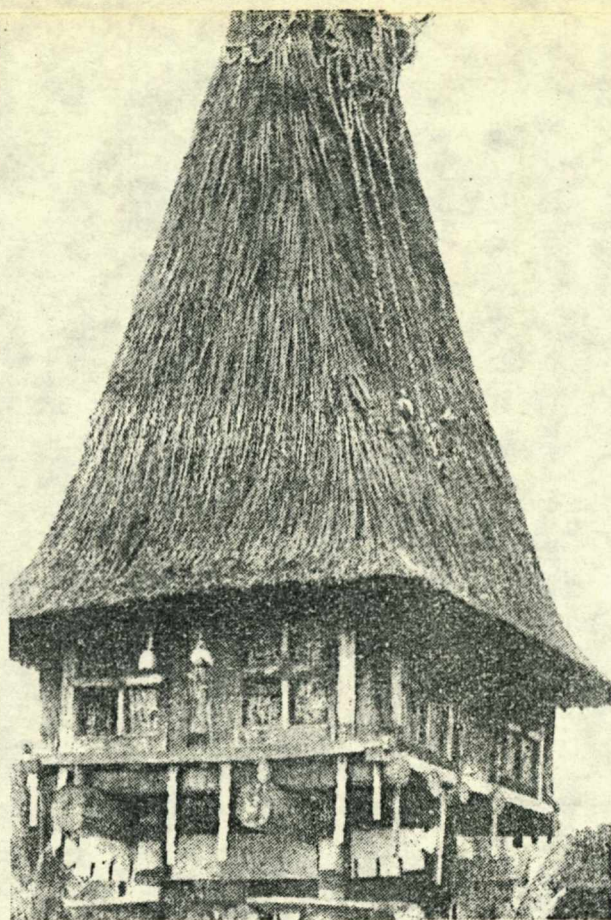
tradições durante o período de descolonização e enquadra, de forma inteligente, o jogo diplomático da Austrália e dos Estados Unidos. Para a autora, nenhuma dúvida se coloca quanto à determinação indonésia de não permitir «o exemplo de um pequeno Estado independente bem sucedido na região» (página 52).

As únicas questões que o poder militar indonésio se colocava em 1974 era na forma de «integrar» Timor Leste. Falhada a tentativa de utilização política do partido pró-indonésio APO-DETI, o Governo indonésio lança, em Outubro de 1974, uma vasta operação de «destabilização do território», OPERASI KOMODO, e inicia os preparativos para a invasão de Timor.

Mas além deste aspecto histórico, essenciais nos parecem os capítulos que

dor apostólico de Dili, monsenhor Ximenes Belo, a D. Martinho da Costa Lopes (ex-administrador apostólico de Dili, forçado a exilar-se em 1983) e datada de Fevereiro de 1984:

... Nós cá estamos em piores condições sociopolíticas. Como sabe, desde 8 de Agosto é que a situação piorou. Prenderam-se em todos os postos as pessoas (só em Dili — seiscentas pessoas) e agora estão a ser julgadas em tribunais militares. Outras feitas desaparecer. Não sabemos se estes tribunais são imparciais e se há advogados de defesa... Nos Kabupatens de Lospalos, viqueque, Baucau e Ainaro, a guerra existe e as populações estão encurraladas. Sofrem doenças, fome, falta de liberdade, e perseguição. Só em Lospalos há dez batalhões, e estes bapaks não conseguem ganhar a guerra.



pessoas que olham para o caso de Timor Leste como um assunto do passado». Timor é uma questão viva.

As informações que fornecem durante os debates provam-no: desde as manifestações dos jovens estudantes timorenses pela autodeterminação durante a curta visita do Papa e em 17 a 19 de Janeiro último na presença do embaixador americano Monjo, John de visita a Dili, aos confrontos armados em Fevereiro último (31 soldados indo-

midade, solidarizar-se, não só com o povo timorense, bem como com as várias organizações que, em diversos países, lutam pelos direitos de Timor...», assim como a realização, no próximo dia 5 de Maio em Bezon, de um «cross-maraton» de solidariedade com Timor Leste integrado no 12.º Encontro das Associações de Emigrantes de França.

Endereço de Agir por Timor: 22 bis, rue Jouvenet 75016 Paris/France.